

TRILOGIA TRÁGICA CONTEMPORÂNEA

Copyright © Antonio Ney Braga, 2024

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais  
forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

*Para encenações, apresentações públicas ou filmagens: SGAE,  
Antonio Ney Castilho de Moura Braga, IPI/CAE: 1.051.346.985*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do Autor

PROJETO GRÁFICO E CAPA Tiago Soares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

B792t

Braga, Antonio Ney, 1966-

Trilogia trágica contemporânea : peça teatral e roteiros cinematográficos / Antonio Ney  
Braga. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2024.

288 p. ; 15,5x23 cm.

ISBN 978-65-5252-056-2

1. Teatro brasileiro I. Título

CDD B869.2

24-5153

CDU 82-2(81)

---

Angélica Ilacqua – Bibliotecária - CRB-8/7057

LETRA CAPITAL EDITORA  
Tels.: (21) 3353-2236 / 2215-3781  
www.letracapital.com.br

Antonio Ney Braga

## Maldito entre as nossas mulheres

Peça teatral livremente inspirada em fatos reais,  
reportagens e notícias, sendo esta uma obra de ficção.

Dedico a Marcia, Catarina, Rodrigo, Mario Ney,  
Sheila e a Maria Pinto.

Mas essencialmente ao Senhor Jesus Cristo,  
que me faz querer viver.

LETRAPITAL

## *Dedicatórias e agradecimentos*

Esta obra é dedicada a todos os que amam e buscam  
a Deus Uno e Trino.

E à minha mãe Maria Lima e ao meu pai Ney Francisco.

Dedico em especial a Márcia, Catarina, Rodrigo,  
Mario Ney, Sheila e a Maria Pinto.

Mas essencialmente ao Senhor Jesus Cristo,  
que me trouxe de volta à vida, e me faz querer viver.

Por isso agradeço a Santíssima Trindade,  
e desde já a Ela e a meus irmãos e irmãs peço perdão,  
pela minha miséria e o meu nada.

Agradeço a Nossa Senhora do Carmo e São José,  
aos Santos Patriarcas, aos Santos Profetas,  
aos Santos Apóstolos,  
a Sant'anna e São Joaquim, a São Pedro e São Paulo,  
a Santa Maria Madalena, a São Judas Tadeu,  
a Santo Antão, a São Bento, a São Patrício,

a São Tomás de Aquino, a São Boaventura,  
a Santa Teresa D'ávilla, a São João da Cruz,  
a São Francisco de Assis, a Santo Antônio de Pádua,  
a Santa Clara de Assis, a Santa Teresinha do Menino Jesus,  
a Santa Faustina Kowalska, a São Maximiliano Maria Kolbe,  
a Santa Miriam de Jesus Crucificado,  
a Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein),  
a São Pio de Pietrelcina, a São Paulo VI,  
a São João Paulo II, aos Anjos da Guarda de nossa família,  
a São Miguel Arcanjo, a São Rafael Arcanjo, a São Gabriel Arcanjo,  
a toda Igreja Militante e Triunfante.

Com carinho agradeço aos artistas

Ana Beatriz de Paula, Arthur Ghali, Barbara Monteiro,  
Bruno Samico, Fidel Reis, Larissa Natividade,  
Lucas Pinto Araújo, Lu Ribeiro, Matisael Lima,  
Pedro Ottoni, Sylan Abrahão, Victoria Volerav  
e a tantos outros que colaboraram apaixonadamente  
com o bom combate dos ensaios, montagens  
e apresentações da primeira peça.



# INTRODUÇÃO

A trilogia trágica contemporânea é composta pelas obras “Maldito entre as nossas mulheres”, “Bendita entre os vossos homens” e “Venha a nós o vosso reino”, que foram escritas nessa sequência. Porém cada obra guarda a sua autonomia e sentido próprio, sem perder a necessidade de vinculação existente entre os três enredos, e entre os seus personagens recorrentes. Todas são contemporâneas porque estão próximas a nós no tempo e têm a ver com as questões que nos afetam, no momento em que vivemos, nesta década. Mas principalmente porque todas elas têm a sua matéria-prima nas notícias que nos bombardeiam diariamente, na nossa aldeia global. Claro que existem outras e muitas influências, mas deixo para que os leitores descubram por si mesmos. De fato, os acontecimentos ali representados, 'embora ficcionais, em essência foram intensamente vivenciados em nossa caminhada existencial. Esta trilogia é visceralmente trágica, mesmo nos seus alívios cômicos. Pois não há outra maneira de encarar a verdade sobre o que vivemos no planeta há milênios, e também não há outra maneira de ter esperança na vitória do bem sobre o mal, que transcende esta realidade. Afinal de contas, é para isso que serve a dramaturgia. As obras foram escritas em formato teatral, ou de roteiro, ou de modo a servir a ambos os propósitos. Você pode ler as histórias como quiser, na ordem que quiser, mas para encená-las ou filmá-las, será necessário fazer contato comigo através da SGAE. Pois todos os nossos direitos estão reservados.

“**Maldito entre as nossas mulheres**”, a Opus I da Trilogia, é tragicomédia contemporânea que aborda com humor questões sobre poder, amor e sexo. Uma fábula fantástica e cruel, ambientada na Nigéria, onde prisioneiras, uma médica argentina e um jornalista brasileiro descobrem os meios mais equivocados para lidar com terroristas. Ali o grupo extremista islâmico africano sequestra o jornalista brasileiro para filmar seu documentário tendencioso, com

as esposas do harém do terrorista dominante. Para que o repórter possa ficar entre as mulheres, é ordenado à sua companheira de cárcere, a médica argentina, que o castre. A Dra. Vênus Valentina secretamente contesta a ordem, e arquiteta um plano suicida. O tratamento cômico de algumas situações e cenas faz o paralelo entre os atos terroristas internacionais e os atos terroristas dentro de nossas relações familiares mais básicas. As decorrências trágicas são inevitáveis e revelam a nossa condição ainda primitiva e decaída. Fruto de uma crise espiritual deste autor, que se perguntava se de fato somos realmente só isso que Freud indicou no seu ensaio “Totem Tabu”, a peça se vale de citações da obra de um autor medieval árabe (A Fonte do Prazer de Al-Sayed Haroun Ibn Hussein Al-Makhzoumi) para compreender e questionar algumas práticas ainda vigentes não só no mundo árabe.

“**Bendita entre os vossos homens**”, a segunda obra da Trilogia Trágica Contemporânea, renova seus propósitos e está ambientada no Rio de Janeiro e sua realidade conflituosa. Dá continuidade às desventuras de alguns personagens da primeira trama e perscruta outras instâncias de nossa condição humana. A sua escrita dramática na forma de roteiro audiovisual atendeu a necessidade dos tempos de pandemia global, quando a atividade teatral foi reduzida e muito limitada. A trama acontece num momento imediatamente anterior às nossas tribulações sanitárias mundiais, mas de modo regional, no Rio de Janeiro de 2018, dá novas significações a situações intensamente presentes nos dias de hoje. O que era tragicômico em MEANM – Opus I, inicia seu desdobramento trágico na realidade representada em BEOVH – Opus II, onde novos personagens acrescentam dimensões religiosas e fantásticas à maneira como enfrentam a Milícia e as facções do Tráfico de drogas. A obra interpreta livremente fatos e ações que temos visto no dia a dia, os nossos dilemas e a busca do sentido da vida. Uma vez que nós, os heróis do século XXI, o perdemos, apesar da obsessão por protagonismo. A questão da obra é: qual recompensa devemos buscar? Muito necessário deixar expresso que se trata de uma obra de ficção, e que as alusões que porventura encontram-se aqui não passam de articulação lúdica dos elementos



do imaginário político em questão. Que ninguém se ofenda. Há um tributo de gratidão à psicanálise nas obras. Assim como MEANM faz referência ao ensaio “Totem Tabu” de Freud, o ensaio “O Mal Estar Na Civilização”, do mesmo Sigmund Freud, em seu parágrafo de encerramento, é uma das referências para o trabalho com a BEOVH. Mas teimo em crer que, por destinação divina, somos algo mais. E esse algo mais encontrei no Diário de Santa Faustina, “A misericórdia divina na minha alma”, a referência fundamental da “Bendita”. Levi, um viúvo judeu em mudança, chega à sua nova casa em Vila Valqueire. Agora ele quer solidão, e seu fiel amigo libanês Bonamer cuida do resto. Porém acolhe a refugiada nigeriana Kareemah, e sua bebezinha Benedita. Descobre que a criancinha cura as pessoas, tem certos dons divinos, e uma origem difícil de acreditar. Quer então transformar sua realidade e redimir-se do seu passado obscuro. Apesar do entusiasmo e espanto de todos com as curas da menina, nem a milícia e nem a facção do tráfico de drogas aprovam as ideias que passam a habitar o coração de seus clientes. E, como se não bastasse, inimigos da primeira aventura clamam por vingança.

**“Venha a nós o vosso reino”** é a última obra da trilogia trágica contemporânea. Está aqui como um roteiro trágico e ficcional, baseado em fatos e em questões geopolíticas pertinentes ao momento. Passa-se em Jerusalém, Israel. É a culminância da evolução dos personagens da primeira obra, “Maldito entre as nossas mulheres”, que se passa na Nigéria, e da segunda obra, “Bendita entre os vossos homens”, que tem sua ação no Brasil. Faz referência ao mundo, sem estar completamente nele, porque busca a transcendência. Como obra dramática, é a justificativa de todo o processo de busca existencial iniciado com as outras. Os melhores mestres da dramaturgia, muitas vezes esquecidos, porque têm compromisso com a verdade, e a verdade incomoda, dizem que o dramaturgo está em todos os personagens que cria. Não sou alguém famoso, e hoje considero isso uma bênção divina. Nem sempre foi assim. E infelizmente perdi muito do precioso tempo que Deus nos concede. Exatamente por isso, um frei carmelita me disse que talvez a VANOVR só interesse aos meus familiares. Se assim for, já terá valido a pena. É uma história de redenção, e de

busca de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo. Por Ele aprendi o mais importante, ainda que tardiamente. Que a maior tragédia é morrer na inimizade com Deus. Que nenhum sofrimento deste mundo se compara ao sofrimento eterno da alma que vai para o inferno. Que nenhum gozo deste mundo igualmente se compara a felicidade eterna da presença de Deus Uno e Trino, que não somos capazes de imaginar, mas que Jesus Cristo, por amor, lucrou para nós ao enfrentar a Sagrada Cruz. E que nem a hecatombe atômica é capaz de ser algo tão triste quanto a perda de uma única alma que não conheceu o amor do autor do melhor de cada um de nós. Ainda que o Temor de Deus seja servil ele, como dom do Espírito Santo, é o princípio da Sabedoria. Mas o temor filial, aquele que vem do amor, nos faz não querer perder o Criador, a fonte do verdadeiro amor. As peças foram escritas em momentos diferentes, sob circunstâncias diversas, e em locais variados. A primeira é essencialmente teatral, e foi encenada em três temporadas no Rio de Janeiro. A segunda é uma transição persistente para a linguagem cinematográfica, mas que ainda desejo levantar no teatro. E a terceira é um desafio cinematográfico (uma formação que não tive) que entrego à Misericórdia Divina, se realmente O Senhor quiser que a história sirva à vinda do Seu Reino. Certamente O Altíssimo não precisa disso, mas é um filme que desejo ver em cartaz.

# **Personagens**

HOMEM JORNALISTA Adonis Terra

MULHER MÉDICA Vênus Valentina

PRISIONEIRA FÊMEA Khawala

PRISIONEIRA GRÁVIDA Kareemah

PRISIONEIRA GUERREIRA Kahina

PRISIONEIRA MÃE Aibnat Zhoumi

TERRORISTA DOMINANTE Omar Zikiya

TERRORISTA FILHO Salah Alddin Kurdi

TERRORISTA MACHO Banga Farah

TERRORISTA PROVOCADOR Bolah Tafari

TERRORISTAS BONECOS

PRISIONEIRAS BONECAS

**Cena:** Nigéria, África.

**Época:** 2018

# SUMÁRIO

<b>ATO I</b> .....	13
Cena 1 – O encontro .....	13
Cena 2 – Bombardear .....	15
Cena 3 – Castrar.....	16
Cena 4 – Seu trabalho.....	17
Cena 5 – Irmãs.....	18
Cena 6 – Terror .....	21
Cena 7 – Tamanho e função .....	23
<b>ATO II</b> .....	25
Cena 1 – Da mulher .....	25
Cena 2 – Do homem.....	29
Cena 3 – A fonte do prazer .....	31
<b>ATO III</b> .....	38
Cena 1 – Medo do Desejo .....	38
Cena 2 – A realidade do alfa.....	40
Cena 3 – O filho e o seu pai.....	44
Cena 4 – A mãe e filhas .....	46
Cena 5 – O alfa de verdade .....	48
Cena 6 – Dilema e coragem .....	52
Cena 7 – Astúcia e impasse .....	54

# ATO I

## Cena 1 – O encontro

*Luz no centro do palco nu, simultânea a um forte ruído de abertura de porta de aço, como de um hangar. Um homem e uma mulher são trazidos por terroristas. Ambos vendados, com as mãos amarradas atrás e machucados, são posicionados no chão, sentados de costas um para o outro. A mulher está de calcinha, vestida com jaleco de médica mal fechado. O homem tem as calças sabotoadas.*

**SAEM TERRORISTAS E QUASE UM MINUTO DEPOIS  
CONVERSAM.**

MULHER MÉDICA – Você me entende?

HOMEM JORNALISTA – Sim.

MULHER MÉDICA – Que bom. Preciso falar, pra não enlouquecer.

HOMEM JORNALISTA – Que ótimo. *(pausa rápida)*

MULHER MÉDICA – Falar ou enlouquecer?

HOMEM JORNALISTA – Pelo visto tanto faz. Que bom que você é mulher! Menor a chance de ser boçal. O cheiro não me enganou.

MULHER MÉDICA – Por que?

HOMEM JORNALISTA – Tá bem forte.

MULHER MÉDICA – Não sei mais o que é banheiro. Não têm hospital, água pra assepsia, nada, só pra beber, se for capaz.

HOMEM JORNALISTA – Não estou reclamando. É medo de espirrar. Não sou maluco! Eu espirro quando sinto cheiro de... da sua... Alegria. (*quase ao mesmo tempo*)

MULHER MÉDICA – Vagina!

HOMEM JORNALISTA – Você é médica?

MULHER MÉDICA – Sou. Você não é maluco, isso é ancestral, tá no Dna. E quer uma mulher! Deve ser a morte que dá tesão nessa hora.

HOMEM JORNALISTA – É. Me desceram o cacete por causa disso.

MULHER MÉDICA – Eles não sabem disso. Mas vigiam os olhares.

HOMEM JORNALISTA – Eu olhei porque tenho de registrar, esse é o meu trabalho!

MULHER MÉDICA – Mas elas olharam primeiro! Teve sorte. Desistiram de te matar por algum motivo. Descobre e quem sabe vive até amanhã.

*LUZ SE APAGA. RÁPIDA TROCA DE CENARIO*

## Cena 2 – Bombardear

*Ouvimos bombardeios e estremecimentos intermitentes.*

*Luz sobe gradativamente. Vemos um grupo de mulheres cobertas até a cabeça, somente com os olhos de fora, acorrentadas entre si, e a um tronco central, procurando se abrigar umas nas outras.*

*Médica é jogada no meio das prisioneiras. Cessam os bombardeios.*

*Luz no centro delas. Elas abrem espaço para a nova prisioneira.*

*Medica está com vestes de prisioneira, mas cabeça de fora.*

MULHER MÉDICA – Absurdo isso. Que passa com vocês?

Como é que conseguem usar isso nesse forno?

Vocês me entendem? (*pausa*)

PRISIONEIRA MÃE – Sim! Todos falamos a mesma língua, não é mesmo? (*Médica segue rasgando e diminuindo o quanto pode da sua nova roupa.*)

MULHER MÉDICA – Que tal? Bem mais fácil não acha? Por que não tentam também??

PRISIONEIRA GRÁVIDA (*Lamenta como se estivesse fazendo um alerta*) – Oh Deus! Vamos ter problema!